

# Jornalismo literário e a pirâmide: implicações discursivas na Comunicação pública da ciência

Mateus Yuri Passos\*

## Resumo

A partir do diagnóstico de um afastamento entre o público geral e o universo das instituições de ensino e pesquisa, os estudos em Comunicação e percepção pública da ciência buscam soluções para que essa situação se reverta – processo em que o Jornalismo possui papel fundamental. Neste artigo, realizamos um estudo discursivo de dois modelos jornalísticos – o mais difundido na imprensa brasileira, baseado na estrutura do *lead* e da pirâmide invertida, e o literário, que se serve de técnicas narrativas – para caracterizá-los como gêneros distintos e indicar as implicações de seus pressupostos ao tratar de ciência e tecnologia. Consideramos que o Jornalismo literário, focado no processo e no cotidiano, apresenta-se potencialmente mais adequado a descrever o que Latour chama de “ciência em construção”, que proporciona ao leitor uma visão mais crítica, enquanto o modelo pirâmide, focado nos resultados, tende ao reducionismo e precipitação.

**Palavras-chave:** Comunicação. Jornalismo literário. Jornalismo científico. Jornalismo de pirâmide. Gêneros discursivos.

## Literary Journalism and the pyramid: discourse implications in the Public Communication of science

### Abstract

From the diagnosis that there is an abyss between common public and research institutions, the studies in public understating and public communication of science look for solutions to revert it – a process in which Journalism plays

---

\* Professor no curso de Comunicação Social nas Faculdades Integradas de Jaú e pesquisador no Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã da Universidade Estadual Paulista. Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos, com pesquisa financiada pela FAPESP. Jornalista graduado na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, especialista em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário e Centro de Educação Superior de Blumenau e em Jornalismo Científico pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: mpassos@faac.unesp.br

a main role. In this paper we undertake a discourse study on two journalistic models – the most propagated one, structured in the lead and inverted pyramid formula, and the literary one, which uses narrative techniques – to characterize them as distinct genres and indicate the implications of their use when covering science and technology subjects. We ponder that Literary Journalism, focused in research processes and quotidian, is potentially more fitted to depict what Latour names “science-in-the-making”, which leads the reader to a better criticism of S&T, while the pyramid model, focused in results, tends to reductionism and precipitated conclusions.

**Keywords:** Communication. Literary Journalism. Science Journalism. Pyramid Journalism. Discourse genres.

## Periodismo literario y la pirámide: implicaciones discursivas en la Comunicación Pública de la ciencia

### Resumen

A partir del diagnóstico de un alejamiento entre el público en general y el universo de las instituciones de investigación y enseñanza, los estudios en comunicación y percepción pública de la ciencia buscan soluciones para que eso reviertase – proceso en el cual el periodismo posee papel fundamental. En este artículo, realizamos un estudio discursivo de dos modelos periodísticos – el más difundido en la prensa brasileña, con base en la estructura del *lead* y de la pirámide invertida, y el literario, que se sirve de técnicas de narración – para caracterizarlos como géneros distintos y apuntar las implicaciones de sus presupuestos cuando se habla en ciencia y tecnología. Consideramos que el periodismo literario, cuyo foco está en el proceso y el cotidiano, preséntase potencialmente más adecuado a describir lo que Latour llama “ciencia en construcción”, la cual proporciona mejor visión crítica, en cuanto el modelo pirámide tiende al reduccionismo y precipitación.

**Palabras clave:** Comunicación. Periodismo literario. Periodismo científico. Periodismo de pirámide. Géneros discursivos.

### Introdução

É impressionante a miríade de imagens, de impressões e de posturas que o conceito da palavra Ciência desperta na sociedade brasileira contemporânea: entusiasmo, desconfiança, medo, indiferença. Há esperança na cura que as pesquisas com novos medicamentos e terapias podem trazer; admiração pelas novas possibilidades que os produtos tecno-eletrônicos proporcionam; espanto e, por vezes, rejeição quanto às recentes postulações sobre a natureza do ser humano, da vida, da própria matéria de que o universo é constituído. E há, acima de tudo, um

isolamento hermético das verdades e conquistas científicas e dos próprios homens e mulheres que as constroem.

Um dos principais canais de interação entre ciência e sociedade (GREGORY; MILLER, 1998), os meios de Comunicação nem sempre cumprem esse papel de modo satisfatório: as acusações variam da “distorção” de conceitos à subserviência e exaltação da ciência e tecnologia, da figura do cientista, da pureza e do caráter absoluto, definitivo, das teorias e “descobertas” (NELKIN, 1987), de forma a se beirar o puro marketing (MASSARANI, 2004).

Disso resulta uma postura essencialmente acrítica dos produtos e fatos científicos – pouco se fala em processos –, enxergando-os somente como potenciais panacéias para sanar os males da humanidade e culminando no que Cascais (2003) denomina “mitologia dos resultados”, ao se direcionar os holofotes da mídia para conclusões e aplicações prontas que os projetos de pesquisa e desenvolvimento teriam a oferecer – o que nos traz dois problemas: por um lado, prometem-se curas e maravilhas tecnológicas das quais a sociedade provavelmente não desfrutará, ou o fará apenas tardiamente, tendo em vista os custos envolvidos ou o caráter preliminar dos resultados divulgados, necessitando ainda de décadas de estudo para poderem oferecer aplicações viáveis – ou seja: há um descompasso entre o tempo da mídia e o tempo da ciência –; por outro, ignora-se toda pesquisa que não condiz com essa visão utilitarista, seja por seu caráter essencialmente teórico, seja pelo não-oferecimento de verdades consumíveis, pondo de lado, por exemplo, a quase totalidade das ciências humanas. Ao se pensar os cientistas como porta-vozes da verdade, torna-se difícil contestar suas ações, e afunda-se num pesadelo quando se levantam desacordos e controvérsias.

Se alguns dos problemas decorrem de uma visão reducionista de ciência, ao se partir apenas de seus produtos finais para comunicá-la ao público, arriscamos dizer que o quadro pode se inverter quando os veículos jornalísticos passarem a abordar também seus processos, o modo como os postulados se formam, reproduzem e transmutam.

Porém, para se falar em como modificar o modo como a Comunicação midiática constrói discursivamente uma imagem de ciência e cientistas – o que pode ser fundamental na manutenção ou transformação da relação entre ciência, tecnologia e sociedade,

e assim, a forma como suas instituições e atores são percebidos pelo público –, é então indispensável compreender o fenômeno jornalístico, que promove essa mediação.

Melhor dizendo: os fenômenos jornalísticos. Neste artigo, realiza-se um estudo discursivo do que defendemos como a existência, na Comunicação Pública da ciência em sua modalidade impressa, de pelo menos dois modelos de Jornalismo (PASSOS; ORLANDINI, 2008), diferenciados no que diz respeito à opção estética, organização dos fatos e postura em relação aos valores noticiáveis no Jornalismo informativo. Ambos estão inseridos em um mesmo modelo global, o libertário (SILVA, 1991), praticado essencialmente nos EUA, sob a perspectiva do liberalismo econômico e da liberdade de expressão e imprensa, de acordo com a designação de Siebert, Peterson e Schramm de quatro modelos jornalísticos – de acordo com o contexto cultural e político dos países em que são praticados –, que inclui ainda o Jornalismo de responsabilidade social, o autoritário e o comunista (SCHUDSON apud SILVA, 1991). São, assim, duas variações discursivas e ideológicas que na tradição norte-americana – principal referência da imprensa brasileira (SILVA, 1991) – compartilham uma mesma origem histórica e encontram-se em constante tensão pela primazia em noticiar (SIMS, 2007), o que se reflete, inclusive, na adoção de estratégias criativas na construção da notícia em veículos que não praticam o modelo literário (ORLANDINI, 2008). Ambos atendem por vários nomes. Optamos por chamá-los, aqui, de Jornalismo de pirâmide e Jornalismo literário<sup>1</sup>. Desse modo, tomando como base

---

<sup>1</sup> É um fato curioso que, por sua condição fronteira entre outras formas de Jornalismo e a literatura de ficção, o Jornalismo literário tenha de se justificar, no campo acadêmico, não apenas como uma possibilidade de Comunicação jornalística, mas também como material literário digno de reconhecimento da crítica especializada, processo ainda em andamento, com tendência a uma rejeição das obras desse gênero por seu caráter enquadrado como realista, representacionista (HARTSOCK, 2000; COSSON, 2007). É interessante mencionar que, nos EUA, o campo de Estudos do Jornalismo Literário que vem se constituindo parte, principalmente, dos instrumentos teórico-metodológicos da teoria literária para discutir as propriedades desse modelo, a partir dos anos 70, com adesão de pesquisadores de Comunicação a partir da década seguinte (SIMS, 2009), enquanto no Brasil prevalece o ponto de vista jornalístico, gestado inicialmente nos anos 80 e 90 na Escola de Comunicações e Artes da USP (LIMA, 2008).

a produção teórica de Mikhail Bakhtin no campo da filosofia da linguagem, apontamos os pressupostos e o recorte que cada modelo realiza a respeito de fatos e fontes e analisamos suas implicações discursivas quando o tema do noticiário é ciência e tecnologia.

A denominação “Jornalismo de pirâmide” decorre do fato de sua estrutura básica fundar-se sobre o modelo de pirâmide invertida, no qual as informações eleitas como principais são explicitadas já no título e no primeiro parágrafo da notícia, apresentando-se sucessivamente os dados que o repórter – e a empresa jornalística – considere cada vez menos importantes (GENRO FILHO, 1987; COMASSETTO, 2003). Também é chamado de Jornalismo informativo (ERBOLATO, 2001; BAHIA, 1990), em oposição ao Jornalismo opinativo, divisão que se origina da separação de “news” e “comments”, fatos e opiniões, no jornal inglês “Daily Courant”, no início do século XVIII (PENA, 2006). Edvaldo Pereira Lima (2008) ainda se refere a esse modelo como Jornalismo convencional. Não adotamos essas denominações porque, por um lado, seria incoerente atribuir a qualidade de provedor de informações a apenas um deles. Da mesma forma, arriscamos dizer que nos dois modelos existem convenções, um traço marcante que os define e distingue – respectivamente, a estrutura de pirâmide e a estética literária, com atenção para o fato de a primeira definir um formato razoavelmente estável, padronizado, enquanto a segunda dá margem a infinitas variações.

O nome “Jornalismo literário”, por sua vez, emerge em razão de sua principal marca ser o uso de recursos narrativos típicos da literatura, e no qual não raro as informações que os jornalistas consideram mais relevantes são reveladas apenas ao final da leitura (SIMS, 2007; LIMA, 2008; WOLFE, 2005). Também é comumente chamado de Novo Jornalismo (WOLFE, 2005), expressão que tem a desvantagem de um envelhecimento precoce (como tratar como novo, algo praticado desde o final do século 21?), atribuída pela primeira vez à absorção da estética literária pela imprensa norte-americana pelo poeta e crítico Matthew Arnold, na década de 1880 (BRIGGS; BURKE, 2006). Outras denominações comuns são Jornalismo narrativo (NECCHI, 2009), literatura da realidade (TALESE; LOUNSBERRY, 1996), literatura do fato (WEBER,

1980), “creative nonfiction” (HARTSOCK, 2000), “literary nonfiction” (HARTSOCK, 2000), “periodismo informativo de creación” (PENA, 2006), Jornalismo diversional (ERBOLATO, 2001) e Jornalismo de livros (BULHÕES, 2007), cada uma carregando consigo as próprias embocaduras ideológicas. Optamos por utilizar a denominação Jornalismo literário, não apenas pelo fato de haver uma apropriação de estratégias estéticas e discursivas próprias da literatura de ficção, mas também por haver um consumo desse tipo de Jornalismo enquanto literatura, décadas após a publicação original das reportagens (PENA, 2006), o que, para Terry Eagleton (2006) constituiria evidência suficiente para considerá-lo mais um dentre os diversos gêneros literários, uma vez que estes são definidos por sua recepção.

Este é, portanto um estudo do discurso jornalístico (BENETTI, 2007): analisaremos, desse modo, a partir de uma perspectiva bakhtiniana da linguagem e uma visão construcionista dos fatos científicos e produtos tecnológicos e de sua condição essencialmente enunciativa e ideológica, irremediavelmente condicionada pelo meio cultural em que estão inseridos, como as particularidades comunicacionais – estéticas, discursivas, informativas – do Jornalismo literário e Jornalismo de pirâmide determinam a forma como a ciência será abordada por eles. Faremos uso, especificamente, dos conceitos bakhtinianos de gênero discursivo, dialogismo e polifonia, além da condição material e histórica do signo linguístico.

### **Ciência, e o que saber sobre ela**

A ideia de cultura científica (VOGT; POLINO, 2004) pressupõe um conjunto de práticas educativas e comunicacionais de reintegrar a ciência à cultura geral da população, contribuir para que se torne cada vez menos um elemento estranho, arredo ao cotidiano. Seus objetivos e métodos, porém, devem ser pesados com cuidado. Como aponta Lévy-Leblond (2003), tais práticas serão ineficazes enquanto se tratar não-cientistas como “leigos”, repositórios de informação que devem ser adestrados para compreender a ciência, mas não contestá-la ou tentar influir sobre ela. Seguindo o chamado “modelo déficit” (GREGORY; MILLER,

1998; VOGT; POLINO, 2004), o objetivo último seria uma espécie de alfabetização, prover a população de conhecimentos que nem sempre lhe são necessários ou de seu interesse (IRWIN; WYNNE, 1996).

Como aponta Furnival (2008), a expectativa das organizações que fomentam é a de ampliar o conhecimento e a aceitação da ciência já realizada, sem se preocupar com a inserção da população em geral na fase inicial de debates que orientarão caminhos e soluções tecnológicas a se adotar, e que resultarão em impactos sociais, quando não também ambientais.

Pesquisas mais recentes, como observam Vogt e Polino (2004), ponderam que saber mais sobre ciência e tecnologia não implicará necessariamente maior aceitação daquilo que vem delas. De acordo com os autores, uma sociedade com menor conhecimento de conceitos, processos e interesses de pesquisa, desenvolvimento e inovação pode ter uma atitude mais positiva em relação a eles, como ocorre na norte-americana; já na francesa, ao contrário, conhecer a ciência pode prover a sociedade de maior repertório argumentativo para enfrentá-la, contestar suas práticas. Nesse caso, maior informação sobre a natureza da ciência, sua prática e possíveis impactos pode ser mais útil quando a sociedade civil estiver provida de meios e condições de influir nas decisões públicas acerca de ciência, tecnologia e inovação e julgar o andamento e resultados de projetos de pesquisa e desenvolvimento cujos temas lhes afetem de forma direta ou indireta – a exemplo da comunidade estendida de pares proposta por Funtowicz e Ravetz (1993, p.740-741), tornando-se necessária não apenas a divulgação do que a ciência produz, mas também a participação da população nos processos decisórios sobre ciência e tecnologia.

Se a população deve constituir uma comunidade de pares, capacitados para apreciar criticamente os rumos da ciência e tecnologia, é necessário que seus processos de construção – das políticas públicas envolvidas ao histórico da formulação dos postulados – venham a público. Para que haja uma visão construcionista desses fatos, consideramos essencial discutir a contribuição de Karl Popper e Bruno Latour para a transformação na compreensão do que é ciência.

Para Popper, a lógica da ciência está fundada sobre a dedução, a formulação de hipóteses que podem ser, então, empiricamente verificadas – partir-se-ia, então, não de “um sistema de conceitos, mas, antes, um sistema de enunciados” (POPPER, 1977, p.35), justificáveis somente por outros enunciados. Temos aí uma ciência fundada sobre a linguagem, eminentemente discursiva, para a qual a observação empírica seria uma etapa que intercala duas diferentes enunciações – a hipótese e as conclusões acerca de sua verificação –, não possuindo valor científico em si, pois “a evidência confirmadora não deve ser considerada se não resultar de um teste genuíno da teoria” (POPPER, 1982, p.66). De um ponto de vista bakhtiniano, a consequência direta disso é que, sendo constituída por signos linguísticos, formados a partir de um contexto social, cultural, histórico (BAKHTIN, 1992), toda ciência será necessariamente ideológica, condicionada por esse mesmo contexto.

Podemos identificar essa implicação em outro traço marcante da teoria popperiana, o princípio da falseabilidade: seria científico somente aquilo que, uma vez submetido a prova, pudesse ser falseado, refutado, chegando-se ao ponto de afirmar: “a irrefutabilidade não é uma virtude, mas um vício” (POPPER, 1982, p.66). O desenvolvimento do conhecimento se daria, então, pela derrubada de teorias – e aquelas que ainda se sustentam o fazem por ainda serem logicamente admissíveis, mas nunca empiricamente comprováveis: avança-se em termos de probabilidade, mas jamais se alcança uma “verdade”, um enunciado definitivo. Ao mesmo tempo, seria falso afirmar que as teorias de uma época são mais ou menos científicas que suas predecessoras e sucessoras, pois são adequadas ao pensamento do período, às ideologias vigentes.

Mantendo pontos comuns com Popper, a teoria latouriana baseia-se num processo de observação etnográfica e contempla o andamento do conhecimento científico em curtos espaços de tempo, em vez de tratar dos longos períodos em que ocorrem crises paradigmáticas ou falseamentos de grande peso. Apresenta-nos, então, uma ciência em eterno conflito e constante negociação, socialmente construída – não porque sofra influência direta de uma sociedade externa, mas por fazer parte dessa mesma sociedade, por se fazer a partir de suas ideologias, por existir unicamente no



meio social: para Latour (2000), só é ciência o enunciado que é lido, citado, retrabalhado e disseminado – da mesma forma, os postulados são formulados tendo em vista o público que terá acesso a eles e formatados de modo a obter sua aceitação. Sua ciência é, como diria Bakhtin, dialógica, formada a partir da interação entre o eu e o outro, determinante do aproveitamento e futuros desenvolvimentos interdiscursivos dos enunciados que novamente influenciarão esses sujeitos.

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos (BRAIT, 2005, p.94-95).

Para Latour (2000), controvérsias que, ao se resolverem, culminam na formação de caixas-pretas – conceitos e formulações prontos para uso sem que a qualidade de seu interior seja posta em dúvida, embora possam, quando menos se espera, ser reabertas e rediscutidas dentro do meio acadêmico. A compreensão de ciência, do ponto de vista latouriano, não se orienta pelo exame de formulações estagnadas, mas pelo processo de negociações e modificações – a que denomina translações – que dão origem às caixas-pretas; a ciência em construção ou ciência em ação, em constante movimento. Cada paper é uma arena de luta de postulados científicos, uma prova de força em que diversos recursos são investidos de modo a persuadir os pares da veracidade de suas afirmações; cada referência, cada citação é uma arma retórica, bem como o uso de quadros, tabelas, de dados, das leituras de instrumentos. Emoldurada pelo meio social em que se desenvolve, essa ciência não trata dos fatos da natureza e da matéria, com poder adâmico de enunciação, mas do que se diz sobre esses fatos, ou ainda do uso que se faz dele. Barômetros e osciloscópios não têm voz própria. Telescópios não enunciam sozinhos. A natureza nada evidencia acerca de si mesma.

Assim como Popper, Latour jamais dissocia os postulados de sua base material, compreendida não pelas leituras e observações, mas pelas condições econômicas e sociais em que se desenvolvem as pesquisas, quem as apóia, o que é feito para obter financiamento, quem são seus opositores, certificadores, seguidores – sujeitos da maior importância: absolutamente nenhuma formulação sobrevive por um valor intrínseco, mas pela capacidade do falante em arrolar multiplicadores que a perpetuem.

A compreensão da ciência enquanto rede social, cujos enunciados e convenções funcionam apenas em seu interior, é um ponto fulcral: como afirma Latour (2000), toda ciência é local, restrita e determinada pelas condições da cultura – ou da rede – em que floresce. Isso elimina o problema das “etnociências”, o estudo de postulados, formas de taxonomia e organização de conhecimento que se desviam ou entram em conflito com a ciência acadêmica como formas inferiores ou curiosas de leitura do mundo (etnobiologia, etnogeografia etc). Assim, o conhecimento tradicional de povos indígenas não seria mais ou menos científico que estudos de biologia molecular realizados acerca das plantas por eles utilizadas para fins medicinais; nem seriam comparáveis, pois pertencem a redes diferentes e a agem sob regras distintas. E a ciência acadêmica deixa de ser um modo universal de apreciação da realidade: constitui-se de uma rede culturalmente circunscrita, um dos aspectos da cultura europeia que se expandiu geograficamente, abarcando todos os cantos do planeta, mas não está livre da condição de produto cultural, étnico, e das ideologias que o constituem.

### **Discursos jornalísticos e a ciência mediatizada**

Como discutimos anteriormente, não podemos tomar a ciência como verdade absoluta, mas antes como fatos construídos socialmente e transitórios; a mesma postura deve ser, então, tomada em relação ao Jornalismo, com uma rejeição da teoria do espelho – a ideia de que o Jornalismo trata da transposição de fatos do cotidiano para os meios de Comunicação, de forma desinteressada, imparcial (TRAQUINA, 2005a). Mesmo do ponto de vista da linguagem, uma vez que se constitui enquanto enunciado material

e historicamente determinado (BAKHTIN, 1992), o discurso jornalístico não estará livre de sua condição ideológica. Apoiamo-nos, então, na percepção interacionista de Jornalismo, segundo a qual “as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 2005a, p.180). A construção dos fatos jornalísticos está, assim, condicionada à estrutura econômica, cognitiva e temporal do suporte e do veículo a que estão ligados – assim como aos valores-notícia, critérios que definem a relevância jornalística de um acontecimento (TRAQUINA, 2005b) – intimamente ligados aos pressupostos do modelo jornalístico a que pertencem.

O Jornalismo de pirâmide teve sua origem na Guerra de Secessão norte-americana e determinou diretamente o padrão seguido pela maioria da imprensa brasileira no século XX e atualmente (SILVA, 1990). Uma vez que os correspondentes de guerra enviavam notícias aos jornais diariamente via telégrafo, sob constante risco de perderem o contato com as redações, tornou-se comum que o primeiro parágrafo de cada texto, denominado lead, contivesse em si as informações consideradas essenciais a respeito do fato abordado – quem fez o quê, quando, como, onde e porquê; o paradigma de Lasswell (BRIGGS; BURKE, 2006). Com a evolução da fórmula, o estilo tornou-se essencialmente relatorial, e foi incorporado principalmente por conta do espírito de cientificidade e objetividade que imperava ao final do século XIX e, acreditava-se, estaria presente nessa forma jornalística (LIPPMANN, 2008). Para Comassetto (2003), essa estrutura apresenta vantagens cognitivas, uma vez que o leitor obtém logo conhecimento do assunto de que tratará; para Adelmo Genro Filho (1987), é uma importante conquista no ofício jornalístico, uma vez que o caráter pontual do lead atua como princípio organizador das informações e aponta a singularidade que há na notícia, o diferencial que a tornaria atraente ao público.

Com base nisso, ao lançar mão da tríade de elementos apontados por Bakhtin (2003) para a caracterização de gêneros discursivos – tema, composição e estilo –, já podemos depreender dois: a composição, fundada na estrutura de pirâmide invertida e lead, e o tema, a singularidade do acontecimento – o que, para

Traquina (2005b), faz com que seus valores-notícia orientem-se para o inédito, de uma forma imediatista –, justamente o tipo de cultura midiática que contribui para uma construção reducionista de ciência:

A ocorrência da transformação de pesquisas em produtos noticiáveis dificulta os sistemas de apuração e de investigação. Os resultados de pesquisas em andamento são divulgados como definitivos. A ciência é elevada à condição de absoluta e o discurso é construído para apresentar resultados (SANTOS; BORTOLIERO, 2006, p.4-6).

Voltamos à mitologia dos resultados: a esse modelo jornalístico só interessam fatos fechados. Pesquisas em desenvolvimento, resultados parciais não possuem singularidade suficiente para serem divulgados ao público. Disso decorrem três problemas: em primeiro lugar, toma-se como ciência a teoria, o produto, e ainda se tem uma visão “déficit” e linear de Comunicação: o público leitor é mero espectador, receptor de postulados prontos – impedido, portanto, de participar de sua construção. Em seguida, há um descompasso entre o tempo da ciência, cujas negociações, translações e construções enunciativas demoram a se consolidar, e o tempo do Jornalismo de pirâmide, que demanda respostas ágeis, resultando em forte assimetria discursiva e também no problema da descontinuidade, apontado por Luhmann (2005): se o tema discursivo requer que cada notícia seja singular, a relação histórica entre duas ou mais delas é pouco explorada, uma vez que se perderia o caráter de novidade – assim, a realidade apresentada é fragmentária, descontextualizada. Segue-se o terceiro problema: a baixa frequência de relação causal entre os acontecimentos, de perspectiva histórica, acaba por confundir o leitor quando se apresentam fatos científicos que contradigam outros há pouco noticiados (NELKIN, 1987). Não há debate entre eles.

Um último fator problemático de certa forma é também condicionante desse fenômeno: mencionamos que o modelo pirâmide vicejou por conta do espírito de cientificidade e objetividade que imperava ao final do século XIX e, acreditava-se, estaria presente nessa fórmula essencialmente relatorial – e ajudou a definir seu estilo, caracterizado pelo apagamento enunciativo do autor-repórter,

que se vê como mero reproduzidor de discursos, embora a própria ordenação de enunciados alheios dê origem a um novo enunciado, distinto (BAKHTIN, 2003). A noção de que o Jornalismo, assim como o saber científico, tinha como missão investigar e apresentar a verdade de forma independente e neutra – a teoria do espelho, como dissemos –, com uma metodologia empirista, acaba por fazer com que as declarações de cientistas atuem como certificações dessa verdade, tornando-se seus definidores primários (PENA, 2006), indivíduos de autoridade já reconhecida e representantes de instituições sociais de prestígio, o que acaba por dar voz às classes dominantes. Se, de acordo com esses pressupostos, os cientistas são referência para o que se toma como verdade, seus enunciados não poderiam ser questionados; assim, a ciência é tomada como absoluta. Não há espaço para vozes contrárias: portanto, para tal cobertura de ciência o Jornalismo de pirâmide é monofônico. Bennetti (2008) apresenta uma possibilidade de monofonia no Jornalismo, mesmo quando ouve-se mais de uma fonte, por meio de um discurso coeso que perpassa a aparente multiplicidade de vozes:

No Jornalismo, podemos pensar no exemplo de uma reportagem que ouça, digamos, quatro fontes. Em princípio, teríamos cinco locutores: o jornalista (L1) e as fontes (L2, L3, L4, L5). Aparentemente, é um texto polifônico. No entanto, é preciso, depois de identificar os locutores, ir às perspectivas de enunciação. Se todas as quatro fontes enunciarem sob a mesma perspectiva, filiadas aos mesmos interesses e inscritas na mesma posição de sujeito, apenas complementando-se umas às outras, podemos dizer que configuram um único enunciadador (E1). Se, além disso, o jornalista se posicionar ao lado dessas fontes, então também ele está redigo pelo mesmo enunciadador (E1). Teríamos, assim, um texto aparentemente polifônico, pois claramente constituído por cinco vozes diferentes (os cinco locutores), que na verdade é monofônico, pois é constituído por um único enunciadador (BENETTI, 2008, p.119).

Além da ausência de debate já mencionada, a monofonia se expressa também no abafamento ou desautorização de discursos não-hegemônicos, ainda que sejam retratados em reportagem.

Ao se pensar o Jornalismo literário como outro modelo comunicacional, podemos avaliar as condições que oferece para a Comunicação Pública da ciência e verificar se esta de fato ocorre de forma diferenciada. Norman Sims (2007), a partir dos aponta-

mentos de Kramer (1995), elenca como seus principais elementos a reportagem de imersão na realidade abordada, o uso de estruturas complexas de narração, o desenvolvimento de personagens (em vez do uso de entrevistados como fontes declaratórias), simbolismo, voz autoral, precisão e o foco em pessoas comuns (ou na vida cotidiana). Já Tom Wolfe (2005, p.53-55) identificou no que chamou de Novo Jornalismo – que compreendemos como uma fase dentro do quadro geral do Jornalismo literário<sup>2</sup>, marcada por uma postura claramente ligada à contracultura e à contestação de valores da ideologia hegemônica (PAULY, 1990) – quatro características diferenciais principais, oriundas do realismo social: a construção cena a cena de acontecimentos, o registro de diálogos completos, a descrição de pessoas e ambientes de modo a simbolizar seu status de vida e o uso de pontos de vista. Felipe Pena (2006) apresentou sua versão dos traços essenciais do Jornalismo literário no que chamou de estrela de sete pontas: potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, proporcionar uma visão ampla da realidade, exercitar a cidadania, romper com as correntes do lead, evitar os definidores primários, buscar a perenidade do texto. As características apontadas por Felipe Pena são deontológicas, dizendo respeito à atitude do jornalista. Já Sims trata do texto e de sua preparação de forma mais direta. Ambas as listas são, desse modo, não excludentes, mas complementares. Em síntese, pode-se definir o Jornalismo literário a partir de cinco princípios (PASSOS; ORLANDINI, 2008): imersão (de repórter e leitor), precisão (inclusive por minúcias de descrição, caracterização e narração), expansão (no registro da realidade abordada), experimentação (formal e informacional) e subjetivação ou humanização (de fontes/personagens e repórter/narrador).

---

<sup>2</sup> A crítica norte-americana atual aponta como período inicial do Jornalismo literário o início do século XIX, por meio da publicação de *sketches*, textos com feição de crônica, em jornais e revistas (SIMS, 2007; HARTSOCK, 2000), tendo seu amadurecimento com as reportagens de Stephen Crane durante a Guerra da Secessão, e aponta como pioneiros alguns escritores e jornalistas do século anterior, principalmente Daniel Defoe e James Boswell. Descreve-se, assim, uma tradição jornalístico-literária da qual o Novo Jornalismo seria não o estopim, mas uma fase ou movimento.

Enquanto gênero discursivo, temos claro o estilo do Jornalismo literário: narrativo, com a incorporação de técnicas ficcionais. Já a composição deve variar, de acordo com o gênero textual e a estratégia narrativa que se deseje empregar – com variações como ensaio e carta-reportagem (PASSOS; ORLANDINI, 2008). Com a presença da voz autoral, o jornalista se assume enquanto enunciador e se torna, na reportagem, uma voz discursiva em meio às demais. Essa postura é, potencialmente, simultaneamente dialógica e polifônica (BAKHTIN, 1998), promovendo a interação de diversas vozes sociais – o que inclui a contestação de afirmações de médicos, que detêm o saber científico estabilizado, as caixas-pretas, e o encorajamento de investigações independentes, por “leigos”, como ocorre na reportagem “Dormir, nunca mais”, de D. T. Max (2007), publicada em “piauí”. O fenômeno da polifonia se apresenta de forma interessante também na construção do perfil de Frank Sinatra por Gay Talese: impossibilitado de entrevistar o cantor, o jornalista observou-o em ambientes como um estúdio de gravação e um bar, em contato com diferentes tipos de pessoas – a quem também entrevistou e deu voz (TALESE, 2004). Dessa forma, revelam-se diversas faces de Sinatra, construídas pela miríade de enunciações que cada fonte/personagem emite a seu respeito.

Finalmente, há uma diferença profunda com relação ao tema: em vez de focar-se no singular, no pontual, o Jornalismo literário tende, por meio da sequência de cenas, a revelar processos, a revelar o ser humano em movimento, com maior abertura à contextualização e à continuidade entre os acontecimentos. Quando o assunto de uma reportagem for ciência, espera-se que a figura do pesquisador torne-se mais humanizada, aos olhos do leitor. Seus procedimentos de trabalho e modo de vida seriam, então, desvendados pelo repórter, como fora a premissa do Novo Jornalismo para Wolfe (2005) – revelar ao público os modos de vida dos estadunidenses, nas suas mais diversas facetas.

Assim, pode-se dizer que, por meio da narração é possível abrir caixas-pretas, ou seja, visualizar a ciência em construção, o que constituiria o Jornalismo literário como meio profícuo para a compreensão pública da ciência e seus decorrentes debates e contestações. Já é curioso o fato de Latour utilizar, em “Ciência

em Ação”, o romance-reportagem “The soul of a new machine”, do jornalista literário Tracy Kidder, como fonte para tratar da construção e discussão do funcionamento do computador Eagle, reforçando a eficácia do gênero para descrever a transformação dos fenômenos científicos ao longo do tempo.

Contudo, a estrutura narrativa, por si, não é garantia de que se alcançarão tais metas, como apontaremos neste trecho do ensaio “Darwin: muito famoso e pouco lido”, publicado em “Ciência Hoje”:

Durante os cinco anos da viagem, ele [Darwin] coletou centenas de plantas e animais, desde zooplâncton até tartarugas e mamíferos fósseis, mas sem qualquer teoria evolutiva na cabeça. A ausência de uma teoria levou o jovem naturalista a cometer erros grosseiros. Ele comeu uma espécie nova de ema da Patagônia (na Argentina) e diferentes espécies de tartarugas das ilhas Galápagos (no oceano Pacífico), atirando os cascos pela borda do navio sem notar que em cada ilha existia uma forma diferente, e ainda coletou aves dessas mesmas ilhas sem anotar a ilha de origem de cada uma.

Por que tantos equívocos? Por que Darwin não percebeu a importância da flora e da fauna das ilhas Galápagos? A resposta é simples e está contida na famosa frase do ucraniano Theodosius Dobzhansky (1900-1975): “Nada em biologia faz sentido a não ser sob a luz da evolução.” E a teoria evolutiva só seria criada anos mais tarde pelo próprio Darwin. Esse é um excelente exemplo da função das teorias na capacidade de observar o mundo a nossa volta (RIOS, 2008, p.67).

Por um lado, o texto apresenta características desejáveis ao se falar da ciência em construção: a mera apreciação empírica da natureza não traria as respostas que culminariam na formulação da teoria darwiniana da seleção natural. Somente por meio da transformação cultural/ideológica pelo contato com as teorias evolucionistas da época o biólogo, apresentado em dimensão mais humanizada, pôde identificar e interpretar de outra forma um fenômeno natural – as peculiaridades da fauna e flora do arquipélago de Galápagos. Porém, o autor repreende Darwin por agir de forma equivocada anteriormente, contrariando a si mesmo: se



ainda não havia o pano de fundo ideológico para a formulação da teoria da seleção natural, como o cientista poderia agir diferentemente? Rios (2008) toma como pressuposto que a teoria da evolução é, não só relevante, mas expressão de uma verdade. Se apresenta, em outros trechos, as teorias evolucionistas concorrentes da época, o faz para reforçar a autoridade da postulação darwiniana. Assim, o leitor pode, de certa forma, vislumbrar uma ciência em construção ao ter uma visão histórica do darwinismo: por outro, ainda situa-se dentro do domínio deste, que não tem suas controvérsias explicitadas.

### Considerações finais

Ao ponderar as especificidades discursivas dos dois modelos, avaliamos que o mais apropriado a uma Comunicação Pública da ciência que permita melhor compreensão dos processos e fenômenos de pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico, assim como maior abertura a vozes não-acadêmicas e à participação pública no processo decisório, é o do Jornalismo literário.

O modelo de pirâmide apresenta limitações, ao ser preparado essencialmente a informar resultados e dá-los como fato. Adaptou-se ao instantâneo. Investigações em andamento e verdades constantemente reconstruídas e renegociadas são estranhas à sua natureza, ao seu discurso, à sua ideologia. Só é notícia o que está concluído. Arriscamo-nos a afirmar, assim, que vários dos pontos problemáticos apontados na Comunicação Pública da ciência se originam das propriedades desse modelo comunicacional, de seus pressupostos.

E defendemos que a base ideológico-discursiva do Jornalismo literário possui instrumentos para solucionar diversos deles – ao menos potencialmente. É importante manter a perspectiva de que os recursos narrativos que permitem a polifonia e a abertura de caixas-pretas de nada valem se o repórter e os editores não estiverem preparados, do ponto de vista cognitivo, para questionar a autoridade científica, aceitar a lentidão e a transitoriedade dos enunciados acadêmicos, sem um tom acusatório, mas compreendendo-os como mais uma das forças sociais que compõem o mundo moderno, uma das diversas maneiras de compreendê-lo.

Não se trata de invalidar o modelo pirâmide para a Comunicação da ciência, uma vez que, como apontado, essa estrutura tem uma série de vantagens informativas, que atendem a certa expectativa de público. Seria, talvez, inimaginável que as revistas de ciência se transformem, da noite para o dia, em um veículo 100% Jornalismo literário; a informação rápida, os resultados, podem conviver com os relatos mais aprofundados, contextualizados, de forma complementar.

## Referências

- BAHIA, J. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- BENETTI, M. Análise do discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p.107-122.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2005, p.87-98.
- BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BULHÕES, M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- BURKETT, W. **Jornalismo Científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- CASCAIS, A. F. Divulgação científica: a mitologia dos resultados. In: SOUSA, C. M.; MARQUES, N. P.; SILVEIRA, T. S. (Orgs.). **A Comunicação Pública da ciência**. Taubaté: Cabral, 2003, p. 65-77.
- COMASSETTO, L. R. **As razões do título e do lead**. Concórdia: UnC Concórdia, 2003.

COSSON, R. **Fronteiras contaminadas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ERBOLATO, M. **Técnicas de codificação em Jornalismo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FUNTOWICZ, S.O.; RAVETZ, J. Science for the post-normal age. **Futures**, London, v.25, n.7, p.739-755, set. 1993.

FURNIVAL, A. C. M. Algumas reflexões sobre a assimilação pública da C&T. In: HOFFMANN, W. A. M.; FURNIVAL, A. C. M (Org.). **Olhar: ciência, tecnologia e sociedade**. São Carlos: Pedro & João, 2008, p.77-87.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GREGORY, J.; MILLER, S. **Science in public**. New York: Basic Books, 1998.

HARTSOCK, J. C. **A history of american literary journalism**. Amherst: University of Massachusetts Press, 2000.

IRWIN, A.; WYNNE, B. (Orgs.). **Misunderstanding science?**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

KRAMER, M. Breakable rules for literary journalists In: SIMS, N.; KRAMER, M. (Orgs.). **Literary Journalism**. New York: Ballantine, 1995, p.21-34.

LATOUR, B. **Ciência em ação**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

LÉVY-LEBLOND, J. M. Una cultura sin cultura. Reflexiones críticas sobre la "cultura científica". **Revista CTS – Ciencia, Tecnología y Sociedad**, Buenos Aires, v.1, n.1, p.139-151, set. 2003.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2008.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LUHMANN, N. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MASSARANI, L. A divulgação científica, o marketing científico e o papel do divulgador. In: SOUSA, C. M. (Org.). **Comunicação, ciência e sociedade**. Taubaté: Cabral, 2004, p. 81-94.

MAX, D. T. Dormir, nunca mais. Tradução de Rubens Figueiredo. **piauí**, n. 6, p.24-28, mar. 2007

NECCHI, V. A impertinência da denominação “Jornalismo literário”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis: UFSC, v.6, n.1, p.99-109, jan./jun. 2009

NELKIN, D. **Selling science**. New York: W. H. Freeman and Company, 1987.

ORLANDINI, R. A. **Jornalismo criativo e os gêneros do discurso jornalístico**. 227f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

PASSOS, M. Y.; ORLANDINI, R. A. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do Jornalismo literário. **Contracampo**, Rio de Janeiro: UFF, n.18, p.75-96, jan./jun. 2008.

PAULY, J. The politics of New Journalism. In: SIMS, Norman (Org.). **Literary Journalism in the Twentieth Century**. New York: Oxford University Press, 1990, p.120-129.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1975.

\_\_\_\_\_. **Conjecturas e refutações**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

RIOS, R. I. Darwin: muito famoso e pouco lido. **Ciência Hoje**, Brasília: SBPC, v.42, n.250, p.66-71, julho 2008.

SABBATINI, M. O astronauta brasileiro e o “Retorno das Estrelas”: mito e política científica na análise de conteúdo da cobertura da missão Centenário da Agência Espacial Brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2006.

SANTOS, C. M.; BORTOLIERO, S. Observando os conflitos: a história da terapia com células-tronco para tratamento da doença de Chagas e a veiculação de notícias na Bahia In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2006

SILVA, C. E. L. **O adiantado da hora** – a influência americana sobre o Jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1990.

SIMS, N. The problem and the promise of Literary Journalism Studies. **Literary Journalism Studies**, Cortland: IALJS, v.1, n.1, p.7-16, Primavera 2009.

\_\_\_\_\_. **True stories: a century of literary journalism**. Evanston: Northwestern University Press, 2007.

SNOW, C. P. **As duas culturas e uma segunda leitura**. São Paulo: Edusp, 1995.

TALESE, G. Como não entrevistar Frank Sinatra. In: \_\_\_\_\_. **Fama & Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.208-521.

\_\_\_\_\_; LOUNSBERRY, Barbara (Orgs.). **The literature of reality**. New York: HarperCollins, 1996.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. v.1. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo**. v.2. Florianópolis: Insular, 2005b.

VOGT, C.; POLINO, C. Percepção pública da ciência: uma revisão metodológica e resultados para São Paulo. FAPESP – **Indicadores de Ciência e Tecnologia no Estado de São Paulo**. São Paulo, 2004, p.12.1-12.28

WEBER, R. **The literature of fact**. Athens: Ohio University Press, 1980.

WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.